

O QUE É MIGRAR? SER DE UM LUGAR?

Carolina P. Fedatto*

E às vezes nem lembro muito de lá...

Erinaldo

Assim, todos, juntos, continuavam a sua vida cotidiana, cada um a seu modo, com ou sem reflexão; tudo parecia seguir o seu rumo habitual, como em situações extremas, nas quais tudo está em jogo e a vida continua, como se nada acontecesse.

Goethe

Resumo:

Este artigo analisa recortes de entrevistas realizadas com migrantes nordestinos que trabalham na construção civil no estado de São Paulo. Essas falas do/no entre-lugar são estudadas pelo viés da Análise do Discurso, que toma a categoria da contradição como estruturante das relações de sentido. Dessa forma, algumas marcas linguísticas, como os advérbios de lugar, as orações condicionais e os desencontros entre o tema da pergunta e assunto da resposta, são pontos de entrada para uma compreensão discursiva desse espaço fronteiro no qual se constitui o migrante.

Palavras-chave: migração; constituição do sujeito; discurso; sociedade; contradição.

Résumé :

Cet article analyse des entretiens réalisés avec des migrants du nord-est du Brésil qui travaillent dans la construction civile à l'état de São Paulo. Ces paroles du/dans l'entre-deux sont étudiées par le biais de l'analyse du discours, qui prends la catégorie de contraction comme structurant des rapports de sens. Ainsi, quelques traces linguistiques, tel que les adverbes de lieux, les énoncés conditionnels et les décalages entre le thème de la question e le sujet de la réponse, sont de points de départs pour une compréhension discursive de cet espace-frontière dans lequel le migrant se constitue.

Mots-clés : migration ; constitution du sujet ; discours ; société ; contradiction.

* Professora do PPGCL/Univás. Doutora em Linguística pela Unicamp. Pesquisadora de pós-doutorado pela UFF e UFMG. E-mail: carolinafedatto@yahoo.com.br

Preâmbulo

A publicação deste texto tem uma história singular. Sua primeira escrita se deu ao longo de meu percurso de Iniciação Científica apoiado pela Fapesp em 2002, projeto desenvolvido enquanto cursava o bacharelado em Linguística na Unicamp. A pesquisa, intitulada *Discursividade migrante: sentidos na transitoriedade*, contou com a orientação da Profa. Dra. Suzy Lagazzi junto a seu projeto, que congregava muitos alunos naquele momento: o *Discursividades fronteiriças*.

Mais de uma década depois, sem ainda ter publicado essa que foi também, em uma versão preliminar, a monografia que apresentei ao final do curso, veio o desejo de tirar esse estudo da gaveta. Por vários motivos. Esse foi, depois dos extensos relatórios Fapesp, meu primeiro texto acadêmico escrito com alguma intenção de publicação. Foi com este trabalho que aprendi a fazer análise, que me permiti ser pesquisadora, que encontrei o que dizer do e no dizer do outro.

Publicar essas páginas na DisSol, uma revista concebida e desenvolvida pelos alunos da pós-graduação em Ciências da Linguagem da Univas como um espaço que acolhe, justamente, trabalhos discentes, é também muito significativo. Este é um texto de uma jovem aluna, um texto de descoberta, de trabalho intenso com o *corpus* e sua análise, de envolvimento com a ordem da língua que insiste em se entremear com a ordem do discurso.

Além disso, o vasto material que coletei, objeto de horas de gravação em fitas K7 e transcrições manuais, continua trazendo questões para as minhas pesquisas atuais. Abrindo esse artigo, o enunciado poético de Erinaldo, um de meus entrevistados, sempre esteve nesse lugar de destaque não à toa: ele é significativo de um conceito fundamental para a Análise do Discurso, o de *contradição*. Ele é sintomático também do funcionamento da posição-sujeito que eu buscava compreender com a pesquisa: o migrante, esse que vai sem ir e por isso confunde a vida com a vinda. Ademais, esse “e às vezes nem lembro muito de lá” se mostrou, no *só-depois* – como sempre – emblemático da questão que tem me ocupado nos últimos anos: o papel da negação na constituição do sujeito e das relações sociais.

Por isso, agora já como professora, decidi voltar a esse texto para que pudesse ser publicado em uma revista concebida para discentes sabendo que ele é um retrato dos avanços e limites de uma aluna que se deixa sempre aprender.

1. O migrante na cidade

Ao propor a migração nordestina como um acontecimento estruturante na compreensão das relações sociais, da transitoriedade nas fronteiras das *posições-sujeito* frente aos sentidos movimentados pela questão de *ser do lugar – sendo migrante* –, nos deparamos com a complexidade fundante da *contradição*. Tomar um acontecimento como se fazendo (no) social é tocar fortemente a questão “da abertura do simbólico” (ORLANDI, 2001b: 19) tendo a *contradição* como “o lugar do possível na linguagem”, nos sentidos. A consideração de que a possibilidade de *significação* (só) se faz pela via simbólica é fundamental para uma historicização da *transitoriedade* quando pensamos questões fronteiriças.

Desse modo, trabalhamos a migração como um processo historicizado na discursividade do social, do político, (*re*)velando a equivocidade das *posições* que o sujeito pode ocupar nesse funcionamento. Tomamos como material para análise entrevistas com migrantes nordestinos numa relação discursiva com o trabalho na cidade. Procuramos, pela consideração da língua enquanto materialmente inscrita na história, *outras* possibilidades ao estudar os acontecimentos sociais no urbano, trazendo a necessidade de pensar a incompletude constitutiva das relações simbólicas.

Estudos tradicionais sobre a cidade se pautam, em grande medida, por concepções teóricas que discutem questões de desenvolvimento econômico, social, urbanístico, privilegiando um posicionamento puramente administrativo sobre as relações sociais na cidade. Nesse sentido, a discussão acerca das contradições urbanas tende a ser guiada por argumentos lógico-estatísticos, difundindo classificações constataórias sobre *o que se diz* serem “aspectos correlatos da construção do urbano: migração, desemprego, marginalização, deterioração das condições de habitação, instabilidade política” (RATTNER, 1978), o que, em nossa perspectiva, são questões de cunho político-social alocadas na própria constituição da ordem urbana como possibilidade do equívoco na relação com o simbólico.

A questão do trabalho se coloca em nossa reflexão historicizada num conjunto complexo de relações. O trabalho é tido como algo intrínseco ao homem: uma atividade que o determina em sua especificidade e se configura simbolicamente nas relações sociais. Trabalhar, além de necessário nas atuais condições de produção, se estabelece num imaginário estabilizado como um sinal de boa índole, de ocupação da mente, de satisfação e esforço pessoal. A inserção no mundo do trabalho aparece

como sequência lógica de uma *vida adaptada e normal* e como atributo de *valor* em uma sociedade pautada pelo mérito produtivo. Arendt (2000), referindo-se à importância do *homo faber* no mundo contemporâneo, assinala que ao tentar dizer “quem é”, a própria linguagem induz a dizer “o que alguém é”, reservando um lugar privilegiado ao papel de trabalhador.

A partir de uma concepção de homem que se constitui pela inclusão/exclusão no mundo das relações sociais, devemos pensar as características de humanidade como historicamente constituídas, materializadas *sobre*, e *no*, conjunto de realidades que significam de determinada maneira e não de outra. Se o trabalho é um ponto de partida fundamental no processo de humanização do homem, podemos dizer, discursivamente, que a *significação* pelo e no trabalho funciona no imaginário das sociedades atuais, muitas vezes, somente pela possibilidade da *sobrevivência*, e não como *um lugar de identificação* para o sujeito.

Os moldes sociais, historicizados por um conjunto de regras de conduta, formulam-se por meio de ditos populares, discursos políticos, morais, religiosos, legais, cotidianos. Nessa historicização, ocorre um apagamento do processo de constituição dessas regras, fazendo com que funcionem socialmente em meio às possibilidades de *identificação* do sujeito afetado por essa memória (e por esse *esquecimento*). A partir disso, pensar a migração como *deslocamento* – no sentido de *ir e vir* e também pela *imposição* da necessidade de trabalhar – permite que avancemos discursivamente, pela noção de *contradição*, na compreensão das *posições-migrante*.

Nessa articulação *necessária* entre trabalho e sobrevivência, a migração se apresenta como uma possibilidade complexa. Quando a casa, a família, a terra, o lugar de origem são marcados pela impossibilidade do trabalho, portanto, de sobrevivência e consequentemente de significação, o sujeito é chamado ao lugar da mudança, da procura, da *migração* como condição de *inclusão* numa sociedade (de classes) que se estrutura a partir do papel de trabalhador. Esse imaginário de estabilidade, ficando vinculado ao instável, faz justamente com que o transitório, o desestabilizado seja o objeto do trabalho simbólico-imaginário do *sujeito migrante*. Um ponto possível de deslize nesse funcionamento é o questionamento do *lugar do sujeito* num espaço de referências resignificadas pela migração.

2. O trânsito na/da vi(n)da

Nosso objetivo ao pensar os sentidos postos na relação do sujeito-migrante com um *outro lugar* é considerar a historicidade desse deslocamento. Quais são as possibilidades do sujeito (se) significar na mudança *cidade-terra-lugar* de origem para *cidade-espaco-lugar* que trará melhores condições de vida pensando as tensões constitutivas desse processo? Tensões que se formulam no *desencontro* espacialmente produzido pela *vinda*, num deslocamento físico que implica a separação entre o desejo e a sobrevivência, a casa e o trabalho, a família e melhores condições. Há a “vontade de ficar, mas tendo que ir embora”. Há a necessidade de fazer laços no *aqui* para que o *lá* não fique tão distante. Há uma escolha sem possibilidade de opção: vontade de melhora, de mais dinheiro e até de mínimas condições de vida (comida, água, dignidade). Vontades, necessidades, decisões entrando no jogo da esperança, do correr atrás da sorte, do fazer a vida.

Para analisar as tensões acima referidas, selecionamos alguns recortes de nossas entrevistas.

Recorte 1, entrevista 2:

C – *E a família, tem família lá?*

E – *A família tá aqui.*

C – *Ah, tá aqui, você trouxe junto, a mulher, filho...*

E – *Trouxe mulher, filho, tá comigo.*

C – *Então é porque foi bom vim pra cá mesmo?*

E – *Beleza, gostei muito de vim pra cá.*

C – *E você não pensa em voltar?*

E – *Por enquanto não.*

C – *Mas você tem algum amigo que já voltou, que desistiu?*

E – *Já, ih, tem uns quatro, cinco aí que já veio e voltou, já.*

C – *Por que, não agüenta viver aqui?*

E – *É, que não dá, né, vive em função da família também, quer ficar do lado de lá e volta mesmo. Eu estou com a família aí também e às vezes nem lembro muito de lá, né.*

Recorte 2, entrevista 3:

C – *E está na mesma situação? Trouxe a família?*

J – *Eu estou fazendo a família aqui.*

Recorte 3, entrevista 4:

C – *E você ajuda sua família, manda alguma coisa pra eles?*

E – *Exatamente, ajuda, todo mundo que vem do norte ajuda, sempre manda um dinheirinho pra lá, tá precisando, liga, a gente manda, a família a gente não pode deixar de lado...*

Recorte 4, entrevista 9:

C – *Mas você tem vontade de voltar?*

J – *Eu, eu tenho vontade de voltar sim, o tempo todo, né, eu fui passear o mês passado lá e meus pais já tão bem velhinho, né, tão tomando conta do sítio sozinho, tudo...*

Recorte 5, entrevista 15:

C – *E você não pensa em voltar?*

V – Em voltar eu não penso mais não.

C – *E a família, tá lá?*

V – Só minha mãe que tá lá, minha família eu construí aqui mesmo.

C – *Como é que foi quando você chegou aqui?*

V – O primeiro dia sofre muito, depois acostuma. Eu vim pra roça também, lá em Jaú, saí da mata e vim pra mata, daí depois eu vim pra cá pra Campinas, melhorou mais...

Destacamos, nos trechos que seguem, algumas contraposições interessantes que apontam para a *transitoriedade* da migração:

Beleza, gostei muito de vim pra cá (recorte 1)

às vezes nem lembro muito de lá (recorte 1)

Eu estou fazendo a família aqui (recorte 2)

É, que não dá, né, vive em função da família... (recorte 1)

a família a gente não pode deixar de lado... (recorte 3)

Eu, eu tenho vontade de voltar sim, o tempo todo (recorte 4)

Em voltar eu não penso mais não (recorte 5)

O primeiro dia sofre muito, depois acostuma (recorte 5)

A partir desses recortes, trabalhando no jogo polissêmico das formulações, podemos dar visibilidade à complexidade que envolve a simbolização da família. “*A família a gente não pode deixar de lado*” (recorte 3), mas a gente tem que deixar porque se for viver “*em função da família*” a gente “*volta mesmo*” (recorte 1). A família, eu deixei lá, mas agora “*eu estou fazendo a família aqui*” (recorte 2): uma *outra* família, devemos acrescentar, destacando o jogo transitório que se faz entre as referências do lá e daqui.

Fazer a família: fazer a vida, paráfrases que possibilitam uma entrada na aposta (do) *migrante*: *eu estou fazendo a vida aqui, já que eu deixei a minha vida (de) lá*, podemos completar. Temos muito fortemente posta a questão do *não poder fazer* e do *ter que fazer*: imposições da vida, valores, desejos batendo de frente o tempo todo com a responsabilidade de sobreviver. Mas o *dizer migrante* escorrega nessas obrigações e deixa ver toda sua instabilidade ao formular: “*às vezes nem lembro muito de lá*” (recorte 1). “*Às vezes nem lembro muito*” é lembrar (*quase*) sempre. É o não-dito significando o desejo mantido na idealização: ‘eu sempre lembro de lá, mesmo não querendo lembrar’.

Esse é o *refazer* constante que a migração impõe, o refazer de um sujeito tendo que correr atrás da família que deixou, da vida que ficou lá, do emprego que não tinha, da melhora que está aqui. E justamente pela possibilidade da melhora é que o sujeito se mobiliza, idealizando um *lá* e um *cá* em toda a multiplicidade e contradição

da relação saudade/sobrevivência. Um sujeito que “*em voltar (eu) não pens(a)o mais não*” (recorte 5), mas que n“*o primeiro dia sofre muito, depois acostuma*” (recorte 5).

Quando nossa reflexão vai no sentido de pensar que a *vi(n)da* implica uma esperança de melhora, vemos o *desencontro* interessante que o dizer migrante traz ao formular “depois acostuma”: por que é que depois não *melhora?*, podemos nos perguntar. *Acostumar* traz o sentido da resignação. E a melhora, ficaria como um *devir?* O migrante se constitui no jogo entre a incompletude, a busca e o ir deixando como está, o se acostumando, o não (podendo pensar) pensando (*mais?*) em voltar, o aceitando o que não pode não ser assim e o que deve ser assim. Mas quem não estaria, de algum modo, nessa rede de obrigações e responsabilidades? Talvez todos estejamos, mas na relação com o migrante a sobrevivência impõe um jogo *falho* entre a busca e a resignação como condição de produção da *vi(n)da*.

3. Condicionais

Recorte 6, entrevista 1:

C – *E na cidade já não tem muito problema, né, de emprego...*

L – *Sempre tem, porque se não tivesse problema eles ficavam lá, não vinha pra cá. Eu, quando vim do Paraná, eu... se minha cidade fosse boa eu não vinha aqui, vinha fazer o que, venturar o que aqui? Eu vim pra cá, venturei (...) é o mesmo problema do povo de lá, né, se fosse bom pra eles, eles ficariam lá na cidade deles.*

C – E quando eles vêm pra cá, eles têm uma profissão ou eles chegam pra fazer o que tem?

L – *Eles chegam pra fazer o que tem, a maioria são ajudante, vem tentar a vida aqui, vem fazer uma aventura, né.*

Recorte 7, entrevista 4:

C – *E como que foi essa decisão de vim pra cá?*

E – *Bom, eu tava lá e o rapaz mandou me chamar aqui, né. Primeiro veio um pessoal de lá, né, pra cá, ficaram trabalhando aqui uns seis meses, ligou pra mim lá, mandou me chamar, então eu vim, já vim com...*

C – *Vocês tinham telefone lá?*

E – *É, nós não tinha, mas tem lá da minha tia, o telefone da tia, assim em comunidade, né, o pessoal inteiro liga mais pra lá, então eu recebi o telefone dele, ele ligou pra mim se eu queria vim, falei, bom se o emprego tá certo, né, tem que vim.*

Recorte 8, entrevista 15:

C – *Como que era a vida lá?*

V – *Ó, não era fácil não viu. Trabalhava na roça, na usina, né.*

C – *Mas por que que você veio?*

V – Porque lá era ruim, né, se fosse bom nós tava lá tudo. O ganho é muito pouco.

Observamos a força das formulações condicionais em nosso material. Dessa forma, destacamos alguns trechos dos recortes acima que se colocam como vestígios da relação *lá* e *cá* mediada pelo desejo e pela necessidade, marcando um funcionamento constitutivo da discursividade migrante no *desencontro*, na contradição, no deslocamento, configurando o próprio movimento da migração.

Porque se não tivesse problema eles ficavam lá, não vinha pra cá. (recorte 6)

Se minha cidade fosse boa eu não vinha aqui, vinha fazer o que, venturar o que aqui? (recorte 6)

Porque lá era ruim, né, se fosse bom nós tava lá tudo. (recorte 8)

Se fosse bom pra eles, eles ficariam lá na cidade deles. (recorte 6)

Se o emprego tá certo, né, tem que vim. (recorte 7)

Os quatro primeiros recortes da sequência acima mostram uma comparação entre *lá* e *cá* que se estabelece pela diferença valorativa. Podemos notar família(s) parafrástica(s)¹ ancorada(s) nas relações trazidas pela comparação *lá/cá*, ser bom/não ser bom, ter problema/não ter problema, ter emprego/não ter emprego. O último recorte desse conjunto traz uma diferença com relação aos anteriores: ele não estabelece, à primeira vista, comparação alguma. Entretanto, quando pensamos que “se o emprego tá certo, tem que vim” está posta uma *imposição da sobrevivência*: ‘se tivesse emprego lá, não tinha que vim pra cá’, ‘se tivesse comida lá, não tinha que vim pra cá’.

Essas paráfrases são relações de sentido para as quais o material aponta, uma relação significativa entre ser bom/não ter problema/ter emprego/não passar fome: possibilidades que *re-locam* o migrante no *aqui*, no *cá*; com isso, o outro lado da relação se refugia em referências que vêm do *lá* e continuam no *lá*: ser ruim/ter problema/não ter emprego/passar fome.

Partindo dessas relações, podemos dizer que a tensão entre *lá* e *cá* é constitutiva da discursividade migrante. Ao pensarmos as condições de produção da migração, vemos que essa tensão *lá* e *cá* se coloca imediatamente. Mas essa é uma diferença que se formula e aponta, de fato, para quais condições? Em nosso material percebemos a recorrência da questão do valor: “*lá era ruim*” (recorte 8), “*era com*

¹ O jogo metafórico permite ao analista dar visibilidade ao fato de que ao longo do dizer formam-se *famílias parafrásticas* relacionando o que foi dito com o que não foi dito, mas que poderia ter sido dito (ORLANDI, 2001a, p. 78).

sacrifício, lá era com sacrifício” (recorte 11), *“aqui eu tô achando melhor”* (recorte 18), *“aqui a gente ouvia falar que era melhor”* (recorte 21).

Discursivamente, o valor² pode deslizar para um lugar interessante quando pensamos a *diferença valorativa* funcionando no nível do imaginário enquanto condição da migração: a diferença *lá e cá* não é o que é, a realidade, mas o que *teria* que ser, *o desejo se sustentando na idealização*, é uma valoração que se constrói na própria relação com a sobrevivência, com a necessidade: o melhor é uma imposição, uma norma, uma lei. Nesse sentido, circula o pré-construído do *aqui* melhor que o *lá*, do lugar de destino idealizado que é/está imaginariamente ligado ao lugar de origem. É uma diferença valorativa como condição de produção que engendra a comparação *lá e cá*, sustentando a possibilidade de mudança. É nesse jogo complexo entre a referência do *lá* e a esperança do *cá* que se produz a condição transitória da migração, a condição mesmo da migração. Migrar não é vir de um *lá* para um *cá*, é ficar *entre* o *lá* e o *cá*.

4. Desencontros

Recorte 9, entrevista 4:

C – E você tá gostando daqui?

E – Ah, tô, tô trabalhando, tô sossegado...

Recorte 10, entrevista 11:

C – E você não tem vontade de voltar?

L – É, por enquanto não, tá dando pra mim sobreviver, vou ficando por aqui mesmo.

Recorte 11, entrevista 12:

R – Você acha que aqui é melhor de que lá então?

T – É, porque até hoje não passei fome, né, lá não passava fome porque a gente se virava durante seis meses, plantava uma mandioca, alguma coisa pra vender. Era com sacrifício, meu pai mesmo criou oito filho lá com sacrifício, viu, e todos eles tão vivo hoje em dia, cada um tem seu empreguinho, sua casinha pra morar.

Ir *ficando* por aqui mesmo seria uma resposta satisfatória quando se pergunta pela vontade? Dizer que até hoje *não passei fome* é motivo suficiente para sustentar a afirmação de uma melhora? O vínculo, que se faz necessário, entre estar trabalhando,

² A palavra *valor* em Filosofia designa “não aquilo que é (o ser), mas o que deve ser”, sendo a noção central da ética e da estética, (Larousse Cultural, 1995). Segundo Mora (1982), “só de certo modo pode-se admitir que o valor é”. Enforcando a normatividade do valor, Brugger (1969) diz que “o caráter normativo do valor radica-se nas leis essenciais implicadas no ser, leis que são normas para o indivíduo (...)”.

estar sossegado, estar gostando é afirmado/se afirma sob quais possibilidades? Ou sob a falta de possibilidades? Esses *desencontros* podem ser a marca de um sujeito que se depara com o real da melhora não necessariamente *aqui*.

Uma questão importante, pensada a partir da estruturação pergunta/resposta das entrevistas, vem do *desencontro* entre a pergunta e a resposta: em alguns momentos a resposta não coincide com a pergunta, ela a leva para um outro lugar, ela desloca a direção apontada pelo entrevistador, ela mostra que o *desencontro*, a falha, o transitório se (re)velam no movimento dos sujeitos, dos sentidos. Quando nos detemos nas relações desencontradas entre “*você tem vontade de voltar/vou ficando por aqui mesmo*” (recorte 10), “*você acha que aqui é melhor/é, porque até hoje não passei fome*” (recorte 11), “*você tá gostando daqui/tô trabalhando, tô sossegado*” (recorte 9), notamos a força desse imaginário que nos pega, que pega o migrante e o entrevistador, que pega o dizer sobre a migração. Vemos uma recorrência no material se fazendo regularidade na discursividade: a vida que desliza no trabalho.

Recorte 12, entrevista 7:

C – E como que era lá a sua vida?

P – Era mais ou menos.

C – E trabalho?

P – Trabalho era duro.

Nesse trecho da conversa o próprio entrevistador faz derivar a vida no trabalho: ele pergunta pela vida, ao que P responde com um julgamento (“era mais ou menos”) enquanto poderia, por exemplo, relatar, descrever, narrar alguns fatos de seu cotidiano na cidade de origem. Continuando, o entrevistador diz “e o trabalho?”. Temos aqui o próprio encadeamento da conversa como uma marca da relação direta feita entre a vida e o trabalho.

Recorte 13, entrevista 11:

H – Eu vim de Maceió, Alagoas.

C – E a vida, como que era?

H – Referente a emprego?

C – É, sua vida no geral, o que que você fazia...

H – Bem, eu trabalhava de garçom na época da temporada, terminava a temporada, a gente procurava outro ramo, como vendedor externo, como auxiliar de cozinha, sem carteira assinada, e quando melhorava a gente voltava a trabalhar de garçom.

Novamente temos uma pergunta sobre a vida, logo a hesitação aparece: mas qual vida? referente a quê? A necessidade de especificar se marca: “Referente a emprego?”. Então, reafirmando a consistência da relação vida/trabalho, o

entrevistador diz: “É, sua vida no geral, o que que você fazia...” H responde: “Bem, eu trabalhava de garçom na época da temporada”. Uma segunda pergunta e uma resposta que confirmam o apagamento das questões da “vida no geral”, colocando o emprego, o trabalho como fio condutor de uma existência baseada na necessidade de sobreviver.

Recorte 14, entrevista 3:

C – E a vida lá, como é que é? É dura?

J – Lá não tem trabalho, né. O trabalho é duro, trabalha muito, mas não ganha dinheiro.

Recorte 15, entrevista 8:

C – E a vida como era? Queria que o senhor me falasse um pouco de lá...

M – Lá eu trabalhava quebrando pedra pra fazer cal...

Recorte 16, entrevista 10:

C – E lá, a sua vida, como é que era?

G – Ah, minha vida lá era bastante corrida, trabalhava na roça, ajeitava os bicho lá, cuidava de criação, de boi, bastante coisa lá, dava milho pras galinha...

Pensar no *desencontro* constitutivo da vi(n)da, que se formula no deslocamento da relação pergunta/resposta, deslizando os sentidos da vida no trabalho, como um funcionamento estruturante da *transitoriedade migrante*, permite fazer uma discussão da própria organização do sujeito de maneira mais ampla. Numa sociedade em que tudo precisa de um motivo, em que somos vigiados, cobrados, responsabilizados por nossos atos, notamos que “desde que um indivíduo se empenha numa opção, que se decide, ele se constitui a si próprio como agente, isto é, como sujeito responsável e autônomo que se manifesta em atos e por atos que lhe são imputáveis (...)” (VERNANT e VIDAL-NAQUET *apud* LAGAZZI, 1988). Vemos a emergência do sujeito-de-direito, aquele que estuda porque quer um bom emprego, que se casa porque ama e quer ter filhos, que trabalha porque precisa de dinheiro para sobreviver, aquele que tem responsabilidades, obrigações, direitos, escolhas, liberdades, a vida em suas mãos, desde que sempre responda por isso, numa forma de assujeitamento que Pêcheux (1988) denomina *forma plenamente visível da autonomia*.

A partir do *desencontro* pergunta/resposta em nosso material, podemos dizer que ele se coloca como uma possibilidade de *resistência* do sujeito na relação com a obrigação de se justificar: o sujeito não justifica, ele não consegue deixar de escapar à dúvida, à incerteza, à sua falta constitutiva que se movimenta no discurso. É na

dualidade da linguagem (LAGAZZI, 1988), como “lugar de poder, mas possibilidade de transformação”, que o movimento polissêmico se mostra, numa falta que permite ao sujeito estabelecer a especificidade da sua relação com o mundo, resistindo, assim, à homogeneização, à univocidade que a sociedade tenta impor.

5. Uma vi(n)da que se impõe

Recorte 17, entrevista 2:

C – Aí você tinha sua profissôozinha lá?

E – Tinha a profissôozinha lá e não dava pra ficar lá e tinha que vim pra cá, porque aqui é melhor né, pelo menos a gente tem o trabalho diretamente e lá não tem. Lá, você trabalha um tempo, depois fica parado.

Recorte 18, entrevista 4:

C – Mas você não sente falta da vida que você tinha lá?

E – Ah, sente não, porque sempre a vida minha foi trabalhando assim, batalhando assim, aqui eu tô achando melhor porque aqui a gente trabalha bastante, mas as coisa são mais fácil, tem trabalho sempre e lá você não tem. Lá você trabalha, mas não é diretamente, tem vez que você trabalha, tem vez que não trabalha, então fica complicado...

Recorte 19, entrevista 6:

C – Por que que o senhor quis vim pra cá?

M – Porque lá era mais difícil de trabalhar, tinha pouco, eu falei vou deslocar no mundo pra procurar alguma coisa melhor...

Recorte 20, entrevista 10:

C – Mas por que que você veio pra cá?

G – Ah, porque o serviço lá tava meio derrubado, tinha que partir pra um serviço melhor pra tentar ganhar um troco mais.

Recorte 21, entrevista 11:

C – E por que que você veio?

L – Ah, eu vim porque aqui, a gente ouvia falar que era melhor, né. Que o padrão de vida, né, ganhava um pouco a mais do que lá, então pra mim que foi bom, né, porque bateu com as minhas intenções, né e eu tô conseguindo ainda, né, então tô achando que aqui tá melhor pra mim.

Recorte 22, entrevista 11:

C – E você acha que tá melhor?

L – Ah, tá né porque lá sempre vê os outros mais velho falando que tá ruim, que tá difícil...

Recorte 23, entrevista 12:

C – (...) Você é de onde?

T – Sou pernambucano legítimo. Vim pra aqui em 93, vim pra aqui atrás de uma melhora, porque o negócio tava difícil, tava, não, tá ainda.

Recorte 24, entrevista 13:

C – E por que que você veio?

A – Ah, eu vim por causa da situação de lá, né.

A presença de relações gramaticalmente classificadas como causais (recortes 21, 23, 24), explicativas (recortes 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23), conclusivas (recortes 18, 21), condicionais (recortes 6, 7, 8), aditivas e adversativas (recortes 17, 18, 21), finais (recorte 19, 20) no material aponta um caminho importante na compreensão da complexidade da significação migrante. Podemos dizer, que, enquanto regularidade, essas formulações também sustentam, organizam o dizer sobre a migração na medida que a comparação *lá* e *cá* se coloca fundamentalmente enquanto um espaço de acontecimento de diversas relações: falar da *vi(n)da* é falar de *lá* e *daqui*, é comparar, explicar, contrapor, opor, idealizar, constatar. Quando o entrevistador pergunta: “Por que você saiu de *lá*?”, o migrante responde:

por causa da situação de lá (recorte 24)

porque o negócio tava difícil (recorte 23)

pra procurar alguma coisa melhor (recorte 19)

porque aqui é melhor né, pelo menos a gente tem o trabalho diretamente e lá não tem (recorte 17)

lá você trabalha, mas não é diretamente, tem vez que você trabalha, tem vez que não trabalha, então fica complicado (recorte 18)

porque lá era ruim, né, se fosse bom nós tava lá tudo (recorte 8)

O entrevistador, perguntando pelo motivo da vinda, traz uma demanda de razão que toca sempre a questão da *justificativa*. Mesmo quando esse *por que* não é explicitado, quando o migrante faz um julgamento de valores entre *lá* e *cá* (recortes 17, 18, 22, 23), a justificação vem como uma obrigatoriedade de se explicar, de se defender, de se provar justo.

Na materialidade das formulações, notamos que os diferentes efeitos de relação, mesmo que sutis, permitidos pelas conjunções se afirmam como *justificativas*, marcando uma possibilidade de *dizer (sobre) a migração* que se sustenta na necessidade de legitimar os deslocamentos postos em jogo nessa *vi(n)da*.

Mesmo quando temos formulações gramaticalmente condicionais, explicativas, causais, adversativas, conclusivas ou finais, vemos que elas se mostram num funcionamento de *justificativa*, necessidades colocadas pela mudança, pela

comparação entre *lá* e *cá*: por que mudar? por que aqui é melhor? A possibilidade de *justificativa* se mostra determinada pela questão da sobrevivência, que se formula, e acaba se resumindo, na necessidade de trabalhar. É uma posição do sujeito onde a *vida* acaba se constituindo na *vinda*, uma injunção à (i)mobilização da transitoriedade migrante: um sujeito que se vê obrigado a mudar, mas tentando escapar dessa mudança. Migrar não é vir, ir, sair. É estar no *meio do caminho*. Bem onde *tinha uma pedra*.

Referências

- ARENDT, H. **A condição humana**. São Paulo: Forense/USP, 2000.
- BRUGGER, W. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Edições Herder, 1969.
- LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988.
- MORA, J. **Dicionário de filosofia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001a.
- _____. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001b.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.
- RATTNER, H. **Planejamento urbano e regional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.